

EXTREMA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: A GESTÃO, A COMUNIDADE E AS POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO

Marli Dias Ribeiro¹

RESUMO

O artigo apresenta uma investigação sobre a violência presente em instituições escolares. Embora a violência alcance variados contextos e espaços, o objetivo foi identificar formas de superação organizadas na escola quando a violência desencadeia em homicídio dentro da instituição. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com leitura crítica do material coletado e análise de estudos em que o tema da morte na escola esteve presente. O lapso temporal foi o período dos anos de 2006 a 2017, com ênfase nas ações de prevenção e de novas possibilidades de enfrentamento da violência, sobretudo, para casos envolvendo homicídios em instituições escolares. O trabalho concluiu que a superação da violência está vinculada a ações de prevenção, a novas propostas de currículo, à gestão participativa e democrática pautada em relações de diálogo com a comunidade escolar. Esses aspectos mostram-se importantes enquanto mecanismos de prevenção em casos de extrema violência. Eles também auxiliam na ampliação e geração de estratégias de enfrentamento do problema e são possibilidades de superação.

PALAVRAS-CHAVE

Escola. Violência. Morte. Homicídio. Possibilidades.

1 INTRODUÇÃO

A violência, atualmente, aparece estampada em todos os meios de comunicação, rompe as barreiras da comunidade local, espalha-se por todo país, e a escola, fazendo parte do contexto social, não fica imune, por estar mergulhada no que Pescador e Dominguez (2001) chamam de exossistema. Esse exossistema, que é a sociedade, traduz em muitas situações os valores, a cultura global, e o cenário de violência. Nesse contexto, a escola parece impregnar-se dessas influências e reproduz, e em alguns casos também produz, situações diversas de violência extrema, que se traduzem na ocorrência de casos de homicídio na escola. Em todo mundo, investigações que averiguaram os efeitos da banalização da violência sobre a sociabilidade dos alunos deixam claro que a existência de um clima tenso entre adultos e adolescentes ou entre alunos afeta a atividade escolar

¹ Mestre em Educação. E-mail: marli.com@gmail.com.

(SISTO; BAZI, 2000). Destacam-se também estudos de Santos (1999) evidenciando que entre os episódios de violência na escola o de maior índice de ocorrência é o de agressões contra a pessoa (60% dos casos), compreendendo lesões corporais, roubo (carros, dinheiro), brigas e invasões no espaço escolar.

Vasconcelos (2017) explica que nesse cenário a escola é ponto de confluência de informações e, no caso brasileiro, estando a escola entre a casa e a rua (DAMATTA, 2004), a capacidade de suportar a ambiguidade ética das relações sociais se torna insustentável gerando conflitos. Na escola, as situações abrem-se, ocorre a confusão de ideias, comportamentos e decisões, originária da lida com as leis, leis de casa, leis da rua, leis da escola, leis do Estado. Por conseguinte, se o ponto de referência for o problema da violência escolar, emerge para um potencial explosivo na escola, podendo gerar situações de violência, em alguns casos chegando a provocar mortes. A gestão da escola e a sua comunidade são sujeitos que precisam lidar com o tema e compreender seus mecanismos, pois, rotineiramente, podem vivenciar situações em que a violência se faz presente.

A escola imersa no contexto social, não em poucas situações mostra-se um lugar inseguro e marcada por formas variadas de violência, entre elas, o homicídio. O descrédito na educação aflora em índices muitas vezes elevados de repetência e evasão, traduzindo-se na manifestação de casos diversos de contravenções e mesmo crimes. O debate sobre o tema é antigo e as abordagens sobre o conceito de violência têm se mostrado bastante amplas. Rousseau (1999a, 1999b) atribui à propriedade privada o surgimento da violência. O homem deixaria de usufruir coletivamente os bens da natureza e dos espaços dividindo-os de forma solidária com o próximo, e passaria a disputá-los. Aparece a lei do mais forte, e, progressivamente, aumenta a disputa acirrada por terra, alimentos e bens naturais. Essa mesma lógica o autor relaciona à organização do Estado.

Por outro lado, o termo violência agrega um conjunto diversificado de ações, de não ações, uso intencional da força física, uso do poder contra si ou contra o outro. Agrega variados tipos de lesões, sejam elas físicas, psicológicas ou sociais contra um sujeito ou um grupo de sujeitos, que nem sempre leva à invalidez ou morte do agredido ou do agressor (WAISELFISZ, 2006, 2016). Esse trabalho investiga o tipo considerado agressão física com desencadeamento de morte, o homicídio. Waiselfisz (2016), em seus estudos sobre violência no Brasil, tem evidenciado que as vítimas de morte violenta no país são, em sua maior parte,

jovens entre 14 e 29 anos, pobres, negros, do sexo masculino. O estudo deixa claro que é crescente o número de vítimas, principalmente os jovens negros. Por motivos diversos as causas da violência estão vinculadas ao perfil dos jovens de hoje e aos contextos sociais e culturais nos quais estão inseridos.

Cabe considerar a relação estabelecida entre os gostos, as ações e os valores dos jovens, atualmente cercados por tecnologias, informações e mudanças rápidas, tendo uma vida ligada diretamente à necessidade de informação imediata. Essa realidade insere o jovem em situações que passam pela ansiedade, velocidade, inconstância e, conseqüentemente, pelo contato constante e direto com a tecnologia. A regra social vincula-se ao consumo, e a pouca renda é gasta com eletrônicos, bebidas, cosméticos, roupa, gastronomia, viagens, baladas, etc. A formação dos grupos de jovens marca seus espaços pelo uso da força e pela demonstração de poder. Ou seja, um consumo diretamente relacionado ao prazer, sem planos para o futuro, em que importa o momento, o agora (BOTELHO; SILVA, 2016; DISTRITO FEDERAL, 2016).

No Distrito Federal, os dados coletados a partir de documentos do Ministério da Justiça indicam que, nas regiões de periferia, moradores convivem com índices de criminalidade comparáveis aos de países violentos ou em guerra; nas áreas nobres, no centro de Brasília, onde vivem políticos e a elite do funcionalismo, as taxas são muito menores, o que pode relacionar a violência às questões sociais (BRASIL, 2016).

A organização dos espaços e a estrutura político-administrativa e habitacional da capital evidenciam que as áreas de menor número de homicídios são o Lago Sul, o Park Way e a Octogonal/Sudoeste, regiões em que, há dois anos, a polícia não registra assassinatos. Em outros espaços, a poucos quilômetros do Palácio do Planalto e do Congresso Nacional, os índices de criminalidade são considerados altos, a exemplo do Itapuã, Paranoá, Fercal, Cidade Estrutural, que distam menos de 20 km do centro da capital (DISTRITO FEDERAL, 2016).

A importância de estudar o tema da violência e, sobretudo, dos casos de homicídio entre jovens afeta diretamente a escola, por receber esse público e ser a instituição em que esses indivíduos estabelecem grande parte de seus processos de socialização, diálogo, aprendizagens e relações diversas. Privilegiou-se abordar aqui as manifestações da violência

no espaço escolar, tendo-se consciência de que ele não é o único espaço de vivência do aluno, porém, é espaço importante de estudo e compreensão das relações estabelecidas pelos jovens e pela comunidade escolar. Por essa razão, seu estudo ganha destaque ao se considerar *a priori* que grande parcela dos jovens frequenta ou frequentará em algum momento a escola.

Estudos de Zaluar (1994) e Peralva (2000) têm mostrado que as drogas, o *bullying*, grupos criminosos organizados, gangues, têm adentrado na escola afetando em particular os jovens. Esse grupo de sujeitos mostra-se propenso a um conjunto complexo e variado de formas de violência. Cabe destacar que os jovens devem ser protegidos e cuidados, e pensar a escola e defender políticas públicas para juventudes é um construto da democracia e uma responsabilidade social com a sustentabilidade da civilização, ou com as gerações futuras, uma vez que a juventude anuncia as gerações seguintes, ela é parte do futuro (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002).

No Distrito Federal, os estudos sobre a violência na escola não focam exatamente os casos de homicídio no interior da instituição. Em trabalho mais recente, Gomes et al. (2006), citando Abramovay e Rua, apresentam os diversos tipos de violência nas escolas, constatando que o Distrito Federal ocupa uma posição destacada entre as 14 capitais pesquisadas. As evidências apontam para vários registros de pequenas e grandes incivildades, tendo como palco a escola e o seu entorno, mas sem relatar diretamente situações de morte. Ainda em sua pesquisa, Gomes et al. (2006) acrescentam que os jovens declaram que os fatores que geram a violência seriam as desigualdades sociais, o dinheiro e o poder, a falta de atividades para jovens, a discriminação e a “ruindade de certas pessoas”.

Porém, cabe ampliar e refletir sobre a complexidade de situações que fazem desse espaço um ambiente rico para pesquisar situações e possibilidades de enfrentamento a situações de violência, de enxergar novos rumos em meio a situações de conflito, sofrimento, e até de morte. Faz-se urgente transformar a realidade vigente, e a gestão pública e a comunidade precisam abrir-se à reflexão quanto à importância de suas ações e responsabilidades quanto a essa problemática.

Nesse cenário diversificado de formas e tipos de violência, de banalização de casos de morte pela cultura de massa, o objetivo desse estudo decorre do fato de que a pesquisa

pouco tem chegado nas escolas que passaram por casos de violência extrema, no caso, situações de morte por homicídio entre seus alunos, para buscar descobrir como vem sendo superadas e enfrentadas as situações dessa natureza. Para exemplificar o problema, podem ser citados casos destacados em trechos do Jornal de Brasília, de 14 de setembro de 2015, retratando a morte de um aluno com três tiros na cabeça, no Centro Educacional 06, na QNL, em Taguatinga Norte. Por volta das 22h, Diego Henrique Vicente Silva, 19 anos, morreu após um disparo, supostamente executado por outro estudante. A vice-diretora da escola, Janice Aparecida de Araújo Almeida, afirmou que, infelizmente, o ocorrido não surpreende os servidores do colégio (JORNAL DE BRASÍLIA, 2015).

Em outro trecho de reportagem do Correio Braziliense, de 12 de julho de 2017, relata um homicídio ocorrido dentro da sala de aula: “Um estudante de 26 anos foi morto no Centro de Ensino Fundamental (CEF) Zilda Arns, no Itapuã, DF. Um homem encapuzado teria atirado três vezes na vítima, dentro de uma sala de aula” (ÁVILA, 2017).

A situação se repete sem considerar cidade ou etapa de ensino, e toda comunidade é afetada pelas situações de violência extremada que se multiplicam. O Jornal G1 de 15.09.2015 destacou, em primeira página, o caso de um estudante de 16 anos, que foi detido por ser suspeito de matar um colega dentro da escola depois de uma briga por causa de bolinhas de papel. O crime aconteceu no Centro de Ensino Médio 2 de Ceilândia, e a vítima tinha 17 anos. Ambos os garotos cursavam o Ensino de Jovens e Adultos (G1 DISTRITO FEDERAL, 2015). Os professores estão nervosos e com medo de ir à escola, ficar de costas para os alunos, pois não sabem o que pode vir a acontecer. A gestão da escola e a comunidade precisam, apesar da crise, retomar as atividades pedagógicas da instituição escolar e planejar ações para assegurar a continuidade do ano letivo, dos projetos e dos processos de ensino e aprendizagem dos alunos.

No site da Secretaria de Educação e no site da Secretaria de Segurança do DF não foram encontrados dados sobre mortes de alunos dentro das escolas. Os dados disponíveis são estatísticas de homicídios em geral, e não especificam a escola como local da morte. Os fatos corroboram estudos de Sisto (2000), que adverte para a quase ausência de investigações dessa natureza na literatura brasileira. Esse fato pode ser indicativo de que muito da problemática ainda está por ser explorado e analisado à luz das condições

socioeconômicas, das relações estabelecidas nas escolas, das formas de gestão escolar frente à violência e seu reflexo na escola pública brasileira.

Sobre a questão do crime, e sobremaneira do homicídio, o fato social, as maneiras de agir, pensar e sentir de uma sociedade, do espaço escolar, interessam como importante objeto de estudo. De acordo com Durkheim (1977), os crimes compõem um fato intrínseco à realidade social humana, ocorrendo em todos os tipos de sociedades, independentemente das formas de organização econômica, social e política.

A reação ao fato do crime geralmente é de ação punitiva, através de sanções, que podem ser a ridicularização, chegando até o isolamento social e banimento do convívio social mediante prisões, entre outras formas. O autor reforça que as ações de violência são na verdade um reflexo do que ocorre em grande parte da sociedade. Durkheim (1977) afirma que um fenômeno não pode ser coletivo se não for comum a todos os membros da sociedade ou, pelo menos, à maior parte deles.

Nesse sentido, o que o autor chama de “consciência coletiva” é, de certo modo, o estado moral da sociedade, sua capacidade para julgar e valorar os atos individuais, e então rotular de imoral, reprovável ou criminoso. Há de se esperar que exista uma normalidade nas ações criminosas e nas punições.

Em que pese a alta relevância das pesquisas de grande porte relacionadas aos casos de violência e aos crimes, há de se considerar que as pequenas pesquisas exploratórias continuam a exercer importante impacto, atribuindo-lhes o papel de gerar questões e colocar em debate situações que deixam lacunas a serem esclarecidas. Adota-se, nesse escrito, o crime na perspectiva de Durkheim (1977), elucidando que o crime não é nada mais do que um “fato social”, e um fato social não patológico, vinculado ao consciente coletivo da sociedade.

Desta forma, reconhece-se a diversidade de formas de como a violência pode se manifestar; entretanto, a fim de melhor conhecer como os grupos docentes e discentes enfrentam situações extremas frente à violência dentro da escola, o nível de gravidade de situações como brigas entre alunos, bullying e outras formas de violências simbólicas, nesse estudo foram desconsideradas, e o foco estabelecido foi a ocorrência do crime, o homicídio, com arma de fogo ou arma branca (faca, canivete) e outros materiais pontiagudos cortantes.

Sobre o uso de armas na escola e outras formas de violência, dados do questionário Prova Brasil de 2015 (BRASIL, 2015) revelam que 33% dos diretores admitem que os alunos que frequentaram a escola portam ou já portaram arma branca (facas, canivetes, etc.). Ainda, gestores revelam que 6% deles (alunos) admitem portar arma de fogo dentro da escola. O questionário também pergunta se o gestor já sofreu atentado à vida na escola e 5% responderam positivamente. Alunos, professores e funcionários que sofreram agressões físicas e verbais aparecem com 85% de respostas afirmativas. Os gatilhos para a violência verbal e física chegar ao caso de homicídio dentro da escola podem estar vinculados a variados indícios de situações mostradas nos dados da pesquisa Prova Brasil 2015, sendo relacionados ao clima escolar e um conjunto complexo de fatores relacionais.

Considerando que em muitas situações a escola é autora, vítima e palco de violência, é preciso mergulhar nesse problema, mesmo que inicialmente a título exploratório. É oportuno considerar que há casos em que a instituição é autora de violência quando pratica a exclusão social por meio de processos mais ou menos sutis de exclusão, reprovação, negligências, para uma parte dos alunos produzindo e reproduzindo a exclusão social.

Às vezes, pode ser vítima, quando seus gestores e docentes são hostilizados, como reflexo da violência, ou quando o vandalismo se torna forma de expressão da violência. Ainda existem casos em que a instituição se torna palco de violência quando, no seu ambiente, se desenrolam conflitos entre os seus membros, acontecendo crimes, e quando se torna também lugar de aprendizagem de violências, conforme Gomes et al. (2006) dão a entender. Entretanto, para além dessas situações certamente complexas, é preciso perguntar-se como enfrentar o problema e não apenas olhar para ele sem agir ou então admitir a sua inexistência.

As escolas e mesmo a própria sociedade carecem de rever os mecanismos de punição, de controle, que, muitas vezes, são ferramentas do exercício de poder praticado pelos grupos dominantes. As regras deveriam servir para a harmonia e o bem-estar da sociedade e não apenas objeto de sujeição. Os desafios ainda estão presentes quando se enxerga, ou não, os muitos olhos que vigiam, o controle constante dos espaços e tempos, o caos nos presídios brasileiros, o suplício, a morte dentro e fora da escola nos tempos atuais (FOUCAULT, 2006).

Diante da situação extrema de violência, considerando o homicídio, como as escolas enfrentam o problema após terem presenciado a morte de um de seus alunos, sendo que a vítima é/era membro da escola? O foco do estudo incide sobre o investigar como as escolas, sua gestão e comunidade superaram ou estão prevenindo de forma consistente no ambiente educativo casos de violência que tiveram como consequência o homicídio.

2 MÉTODO

A pesquisa é de cunho bibliográfico e arcabouço teórico com estudo e leitura crítica do material coletado sobre o tema violência. A busca foi realizada utilizando o site SciELO. Os critérios SciELO Brasil são definidos no contexto do Programa SciELO/Fapesp, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Associação Brasileira de Editores Científicos (Abec). O SciELO contribui para o desenvolvimento da pesquisa científica por meio do aperfeiçoamento e da ampliação dos meios, possui comitê consultivo, infraestrutura e capacidade de comunicação e avaliação dos seus resultados veiculados por periódicos de qualidade crescente no Brasil, publicados em acesso aberto.

O recorte da pesquisa usou filtros de tempo, focando o período de 2006 a 2017. A pesquisa buscou textos publicados em toda base do site, incluindo periódicos, revistas, artigos. Os descritores de busca foram: violência e morte na escola, morte na escola, homicídio na escola, crime na escola. Foram lidos os títulos e resumos dos trabalhos com os descritores acima citados para encontrar a ocorrência de violência seguida de morte na escola. Cabe destacar que um dos critérios para a não leitura de trabalhos se deu pela negativa de acesso à obra. Foram selecionados apenas trabalhos com livre acesso.

Quadro 1. Pesquisa e seleção de textos

Descritores na pesquisa	Títulos selecionados	Critério de seleção	Total encontrado	Total da Seleção
Violência e morte na escola	Significando a morte, através de redes sociais, em um contexto de vulnerabilidade social: um estudo com crianças pré-escolares, seus pais e professores	Título e resumo contendo a palavra crime ou/e homicídio, morte	8 artigos 1 editorial de revista	1

Morte na escola	Morte de aluno: luto na escola Adolescência e morte: representações e significados A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores e formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade	Título e resumo contendo a palavra crime ou/e homicídio, morte	6 artigos	3
Crime na escola	Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão: seu uso na educação sexual escolar	Resumo contendo a palavra crime ou/e homicídio, morte	1 artigo	1
Homicídio na escola, escola e homicídio,	0	Título e resumo contendo a palavra crime ou/e homicídio	Não encontrado	0
Total			16	5

Fonte: elaborado pela autora.

O resultado da pesquisa indicou um total de 16 artigos encontrados. Após leitura crítica do material, filtros de busca pelos critérios de seleção, além do lapso temporal, foram selecionados 5 trabalhos que serviram de base para a investigação.

3 DEPOIS DA VIOLÊNCIA NOVOS OLHARES E NOVAS AÇÕES

Os arquivos selecionados foram lidos a partir das estratégias, projetos e ações utilizados pelas escolas que enfrentaram a violência que culminou em morte de um de seus alunos. Pela pesquisa realizada, poucos artigos tratam sobre as questões que envolvem violência-homicídio-morte em escolas; o tema parece ser tabu. Apesar dos meios de comunicação potencializarem o tema quando se aponta a escola, quanto mais se nega a morte, mais esta parece fazer-se presente através da violência urbana (KOVÁCS; TÉGLÁS; ENDRESS, 2010).

Os textos lidos mostram que educadores, alunos e a comunidade escolar pouco abordam o assunto, mesmo quando a morte acontece dentro do espaço escolar. A bibliografia sobre a questão da morte, escola e educadores é escassa, indicando a importância da discussão sobre o tema. O que essas escolas fizeram para enfrentar esse fato desafiador?

Selecionou-se as ações realizadas e que foram indicadas como importantes ferramentas de prevenção e reorganização da escola nas situações de violência que extrapolaram para casos de mortes. Após leitura dos textos, as categorias encontradas envolvem o currículo, as relações da comunidade e a gestão escolar, e como e em quais ações essas dimensões apareceram na escola para o enfrentamento da violência.

Dentre as ações pode-se destacar que cada comunidade procurou estabelecer estratégias vinculadas às características de seus alunos e professores. As atividades estiveram aliadas à escuta dos alunos e da comunidade sobre violências, homicídios e morte dentro e fora da escola, abertura em refletir sobre a culpabilização, forte presença de projetos voltados à prevenção da violência através da arte, da literatura, de redações e da música, diagnóstico e atendimento de alunos vulneráveis socioeconomicamente.

Os textos pesquisados mostraram que a postura democrática no planejamento da escola e na tomada de decisões é imprescindível. A presença de assessoria pedagógica e psicológica na formação de professores para abordar o tema da violência e da morte fortaleceram os profissionais e o uso, com crianças e adolescentes, de material de didático (vídeo) sobre o tema morte ampliou a formação. Esses vídeos fizeram parte de um projeto denominado “Falando de morte”, com o patrocínio da Universidade de São Paulo – Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo (USP) e TV Cultura (KOVÁCS et al., 1999).

Outro aspecto importante encontrado na investigação diz respeito aos projetos variados de prevenção ao uso de drogas envolvendo todos os alunos. Quando a escola deixa de banalizar e naturalizar a violência, o homicídio e a morte na escola, e passa a construir espaços de debate e reflexão em sala de aula, o clima escolar tende a melhorar. A prevenção sempre aparece como pauta em violências vinculadas às questões de gênero, cor, raça, bullying na escola ou nas redes sociais que possam ser gatilhos e desencadear situações de violência extrema nas escolas e provocar a morte de alunos e funcionários.

A realidade e o contexto imprimem as peculiaridades às principais ações realizadas pelas escolas nas quais ocorreram situações de violência que culminaram em homicídio. Em apenas um dos textos não ficou claro como ocorreu a morte do aluno, mas o enfoque dado ao caso e as formas de acolhida realizada na escola chamaram a atenção para o leque de

possibilidades que podem ser abertas quando a morte acontece dentro da escola, e que, apesar de o fato ser em primeira hora extremo, ações e novos olhares devem surgir. Cada instituição é ímpar e os exemplos apresentados não devem ser vistos como receita pronta e acabada. Os contextos, as realidades sociais e culturais de cada comunidade são sempre o ponto de partida para a organização pedagógica e a solução dos problemas.

As ações reveladas na pesquisa parecem estar de acordo com Durkheim (1977) quando ele enfatiza a violência como fato que compõe a realidade social humana, ocorrendo em todos os tipos de sociedades, independentemente das formas de sua organização econômica, social e política. Desta forma, o estudo evidenciou a existência de casos de violência em variados locais e distintos contextos escolares.

O enfrentamento da violência e a prevenção planejada pelas escolas consideraram a organização pedagógica e curricular, a gestão da instituição e as relações estabelecidas entre os pares e entre o coletivo da escola e a comunidade. Essa percepção de Vasconcelos (2017) e de Galvão et al. (2010) reforça em estudos as lógicas de superação da violência escolar. Os autores relatam que as possibilidades não são isoladas, elas emergem de atividades variadas e novas possibilidades ao olhar-se para o currículo, para os educadores, gestores e a comunidade.

4 CONCLUSÃO

A busca por respostas em contextos extremos de violência parece ser uma tarefa árdua, exigindo dos sujeitos envolvidos resiliência e coragem. O caráter exploratório desse artigo deixa claro a necessidade de novas pesquisas sobre a questão da violência que culmina em morte dentro da escola. Não foi possível encontrar um banco de dados sobre essa questão; se existem, em alguns casos eles são sigilosos, por tratar-se de investigações de alunos menores de idade. Nessa perspectiva, a discussão do tema se configura importante e anuncia um avanço o refletir questões relativas ao fato social aqui investigado. Fica evidente que as escolas precisam rever seu currículo, olhar sua gestão e inserir o diálogo em todos os espaços. A formação dos educadores mostra-se fundamental. O crime, aqui, o homicídio, entendido como fato social em Durkheim (1977), existe e não há possibilidade de não enxergá-lo, mas buscar estratégias de prevenção e possibilidades de ação.

O primeiro e talvez o mais importante passo é reconhecer que a escola é um espaço no qual a violência se faz presente. Há uma diversidade de formas em que ela pode se manifestar. Situações extremas de violência dentro da escola, o nível de gravidade como brigas entre alunos, bullying e outras formas de violências simbólicas, a ocorrência do crime, o homicídio, com arma de fogo ou arma branca (faca, canivete) e outros materiais pontiagudos cortantes fazem parte de muitas realidades escolares, e negar sua existência parece não ser a melhor resposta.

O estudo indica que ações de punição ou castigo, e até o uso da disciplina rigorosa com o objetivo de ocupar-se de classificar o sujeito e normatizar as relações para hierarquizar o exercício do poder da escola, conforme explica Foucault (2006), não foi a estratégia adotada. Mendes (2009) indica que a violência na escola é reflexo da violência social, mas que a apropriação e o fortalecimento das instituições educativas podem gerar resiliência aos jovens e à comunidade.

Assim, é relevante pensar se a educação que se oferece está a serviço da violência, se a ação educativa está a serviço da formatação de corpos dóceis, treinados, obedientes, ou se atua para formar sujeitos críticos, protagonistas e atuantes. Quantos ainda serão mortos dentro das escolas? Resposta difícil em uma sociedade marcada pela violência.

Por fim, concebe-se esse trabalho como uma contribuição inicial e acredita-se na necessidade e importância da ampliação de debates, reflexões, mais investigações empíricas e teóricas que aprimorem e explorem outros aspectos e outras formas de prevenção, enfrentamento e solução ao problema da violência relacionada ao homicídio nas escolas. O apontamento que se destaca propõe que se possa elencar atitudes que visem superar a negação do problema, assumir postura decidida diante dos obstáculos, caminhar e agir a caminho do que Freire (1987) chama de o “inédito viável”, buscando novas possibilidades de ação na rotina escolar.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, C. Estudante é assassinado com três tiros dentro de escola no Itapuã. In: **Correio Braziliense**, 13.06.2017. Disponível em: <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/06/13/interna_cidadesdf,602362/estudante-morre-em-tiroteio-no-itapoa.shtml>. Acesso em: 20 maio 2018.

BOTELHO, R. U.; SILVA, E. R. A. da. **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2016.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep. **Consulta ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. IDEB 2015. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/>>. Acesso em: 25 maio 2018.

_____. Ministério da Justiça. **Diagnóstico dos Homicídios no Brasil**: Subsídio para o Pacto Nacional pela Redução de Homicídios. Brasília: DEPRO/SENASP/MJ, 2016. Resposta à manifestação via Lei de Acesso à Informação. Despacho nº 141/2016/DEPRO/SENASP.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Por um novo paradigma de fazer políticas de/para/com juventude. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 19, n. 2, jul. /dez. 2002.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão. Companhia de Planejamento do Distrito Federal – Codeplan. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios** - Distrito Federal – PDAD/DF 2015. Brasília: Codeplan, 2016.

DAMATTA, R. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento das prisões. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, A. et al. Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 18, n. 68, 425-42, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362010000300002>>. Acesso em: 1º jun. 2018.

GOMES, C. A. et al. A violência na ótica de alunos adolescentes do Distrito Federal. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 11-34, 2006.

G1 DISTRITO FEDERAL. **Estudante é detido por matar colega após briga por bolinha de papel no DF**. 15.09.2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/09/estudante-e-detido-por-matar-colega-apos-briga-por-bolinha-de-papel-no-df.html>>. Acesso em: 21 maio 2018.

JORNAL DE BRASÍLIA. **Aluno é assassinado dentro de escola em Taguatinga Norte**. Disponível em: <<http://www.jornaldebrasilia.com.br/cidades/aluno-e-assassinado-dentro-de-escola-em-taguatinga-norte/>>. Acesso em: 21 maio 2018.

KOVÁCS, A. M.; TÉGLÁS, E.; ENDRESS, A. D. The social sense: Susceptibility to others' beliefs in human infants and adults. **Science**, v. 330, n. 6012, p. 1830-1834, 2010.

KOVÁCS, M. J.; ESSLINGER, I.; VAICIUNAS, N.; FRANCO, M. H. P. **Falando de morte com o adolescente** [Filme-vídeo]. Insight Produções. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. VHS/ NTSC, 15 min. Color, 1999.

MENDES, G. M. L.; SILVA, M. C. da R. F. **Educação, arte e inclusão**: trajetórias de pesquisa. UDESC, 2009.

PERALVA, A. **Violência e o paradoxo brasileiro**: democracia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

PESCADOR, J. E. P.; DOMÍNGUEZ, M. R. F. Violencia escolar, un punto de vista global. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, n. 41, p. 19-38, 2001. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/articulo?Codigo=118100>>. Acesso em: 20 maio 2018.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999a. v. 2. (Coleção Os Pensadores).

_____. **Do contrato social**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999b. v. 1. (Coleção Os Pensadores).

SANTOS, J. V. T. (Org.). **Violência em Tempo de Globalização**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

SISTO, F. F.; BAZI, G. A. P. **Escala de Agressividade para crianças e jovens** (Relatório Técnico). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

VASCONCELOS, I. C. O. de. Aprender a conviver, sem violência: o que dá e não dá certo? **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, dez. 2017, v. 25, n. 97, p. 897-917.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2006: os Jovens do Brasil**. Brasília, Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura. 2006.

_____. **Mapa da violência: homicídios por armas de fogo 2016**. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR); Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude (SNJ). Brasil, 2016.

ZALUAR, A. **A integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

Extreme violence at school: school management and possibilities of overcoming

ABSTRACT

The article presents an investigation about the violence present in school institutions. Although the violence reaches varied contexts and spaces, the objective was to identify forms of overcoming organized in the school when the violence triggers in homicide within the institution. The methodology was bibliographical research with critical reading about the material collected and of studies analysis where the theme of death in school was present. The time span was between 2006 and 2017, with emphasis on prevention actions and new possibilities for coping with violence, especially for homicide cases in school institutions. The study concluded that overcoming violence is linked to prevention actions, new proposals for curriculum, participatory and democratic management based on dialogue relations. These aspects are important as mechanisms for prevention in cases of extreme violence. They also assist in the expansion and generate coping strategies and possibilities of overcoming.

Keywords: School. Violence. Death. Murder Possibilities.

Extrema violencia en la escuela: la gestión escolar y las posibilidades de superación

RESUMEN

El artículo presenta una investigación sobre la violencia presente en instituciones escolares. Aunque la violencia alcanza diversos contextos y espacios, el objetivo fue identificar formas de superación organizadas en la escuela cuando la violencia desencadena en homicidio dentro de la institución. La metodología utilizada fue una investigación bibliográfica con lectura crítica del material recolectado y análisis de estudios donde el tema de la muerte en la escuela estuvo presente. El lapso temporal fue entre los años 2006 a 2017, con énfasis en las acciones de prevención y de nuevas posibilidades de enfrentamiento de la violencia, sobre todo, para los casos de homicidios en instituciones escolares. El trabajo concluyó que la superación de la violencia está vinculada a las acciones de prevención, las nuevas propuestas de currículo, gestión participativa y democrática pautada en relaciones de diálogo. Estos aspectos se muestran importantes como mecanismos de prevención en casos de extrema violencia. También ayudan en la ampliación y generación de estrategias de enfrentamiento al problema y las posibilidades de superación.

Palabras clave: Escuela. Violencia. Muerte. Asesinato. Posibilidades.

Recebido em: 12/10/2018

Aceito em: 23/1/2019